

MONITORIA COMO GÊNERO DE ESPECIALIDADE

Monica Alvarez Gomes (UFMS)

magneves@terra.com.br

Luiz Fernando Santos Mongenot Santana (UFMS)

Michelle Batista Gonçalves (UFMS)

RESUMO

Este estudo é uma pesquisa que se estabeleceu a partir da experiência de monitores e de orientador, no desenvolvimento das atividades de monitoria da disciplina de língua latina, no curso de licenciatura em letras da UFMS, que permitiu considerá-la como um gênero de especialidade. Na observação do material, salta aos olhos a forma como os objetos semióticos são alçados, quais são seus usos e suas funções nas aulas para efetivar a construção do objeto ensinado, por meio de diversas tarefas (análise linguística, comparação entre línguas e tradução). Essa pesquisa, de base qualitativo-interpretativista (cf. MOITA LOPES, 1994) de natureza etnográfica, nos termos de Marli Eliza Dalmazo Afonso de André (2002), direciona seu olhar não só para o lugar (espaço-tempo), as identidades e as relações envolvidas, como também para características constituintes dessa prática, a fluidez, verificável no texto e em suas diferentes abordagens teóricas, e o hibridismo, associando diferentes situações de comunicação especializada para atender a diferentes demandas de usuários de uma especialidade. Essas características implicam registros formais e não-formais em que terminologia e conceitos estão presentes, o que implica, conseqüentemente, voltando-se de novo para a fluidez, ajuste de aporte teórico e metodológico para análise – pontos fundamentais para tratar do gênero em questão.

Palavras-chave: Gênero textual. Especialidade. Monitoria.

1. Introdução

O trabalho de monitoria realizado no ambiente universitário tem por finalidade proporcionar atendimento específico aos acadêmicos que necessitam de auxílio extra, no desenrolar do semestre, com as distintas disciplinas a serem cumpridas na graduação. O monitor deve ser outro acadêmico que já cumpriu a disciplina escolhida, deve cumprir a carga horária semanal estipulada pelo orientador, deve entregar relatório mensal de atividades ao órgão responsável pela monitoria e deve escrever um relatório final acerca do desenvolvimento das atividades. Para desenvolver esse trabalho, o acadêmico recebe uma bolsa mensal.

Além de prestar auxílio aos colegas, o monitor adquire muita experiência na área docente e isso é de suma importância na vida profissional, principalmente quando se escolhe cursar uma licenciatura. A oportunidade de transmitir conhecimento e colocar em prática a teoria aprendi-

da na graduação faz com que o acadêmico adquira experiência e segurança diante das funções que terá de desempenhar após a colação de grau, tornando-se, portanto, atividade importantíssima, pois

A articulação da relação teoria e prática é um processo definidor da qualidade da formação inicial e continuada do professor, como sujeito autônomo na construção de sua profissionalização docente, porque lhe permite uma permanente investigação e a busca de respostas aos fenômenos e às contradições vivenciadas. (BARREIRO & GEBRAN, 2006, p. 22)

Mas, além de reconhecer essa função experiencial profissional, a monitoria universitária constitui uma prática social determinada e, portanto, um gênero discursivo.

2. Gêneros do discurso

Ao partirmos do pressuposto bakhtiniano de que a variedade infinita de gêneros se dá pelo fato de que todas as atividades inerentes ao ser humano são idealizadas e realizadas por intermédio da língua, entendemos que esse processo se dá “[...] em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana”. (BAKHTIN, 2000, p. 279)

O ser humano, ao colocar em prática qualquer que seja a atividade, utiliza-se de mecanismos linguísticos que inserem as ideias em questão no campo de materialidade, que se apresenta em forma de enunciados. E cada contexto de produção enunciativa pede uma maneira diferenciada de materialização. É aí que se enquadram os distintos e inúmeros gêneros do discurso.

Apesar de o estudo dos gêneros ser algo frequente e atual, é praticamente impossível citar todos eles, dada a variedade. A cada dia, novos gêneros surgem e outros tantos caem em desuso e isso acontece exclusivamente pela necessidade que o indivíduo tem de se comunicar e realizar as diversas atividades que a vida em sociedade acarreta.

3. Gêneros de especialidade

Ao falarmos em especificidade de gênero, muitas são as situações que obrigam os falantes a disporem desse mecanismo linguístico para a materialização dos discursos. Uma dessas especificidades se encaixa nos “gêneros de especialidade”, que são criados especificamente para atender

à esfera da comunicação especializada. Segundo Lothar Hoffman (2000), esses gêneros surgem em situações específicas, que, geralmente, são relacionadas a determinada área do conhecimento e/ou profissional.

Podemos tomar como exemplo de gêneros de especialidade a resenha, o resumo acadêmico, a monografia, o artigo, o relatório, a entrevista de emprego, o currículo, a tese de doutorado, a palestra, a aula, dentre outros já consolidados pela teoria. Como vimos, a cada dia surgem novos gêneros para atender a demanda de atividade humana e com os gêneros de especialidade não é diferente.

4. *Monitoria como gênero de especialidade*

Sabemos que as exigências curriculares dos cursos universitários, muitas vezes, geram situações de estresse diante de tanta informação a que os alunos são submetidos. Isso pode acarretar dificuldades em algumas disciplinas e até um déficit na compreensão do que lhes foi transmitido. O professor regente nem sempre consegue se fazer presente e necessita de ajuda para que os alunos sejam atendidos de forma eficaz.

É nessa hora que a pessoa do monitor se torna importante no processo da construção do saber universitário. Além de auxiliar o professor com diversas atividades, ele é uma base de apoio ao colega que necessita de aulas extras com a disciplina e desenvolve um elo entre a discência e a docência, uma vez que desempenha o papel de educador numa etapa da vida em que está inserido no contexto de educando.

O gênero em pauta se constrói com vieses do didático-instrucional e da palestra de especialidade.

Assim, expressa valores do discurso pedagógico, especificamente do ensino gramatical, com deslocamento para o âmbito científico em que o dizer é legitimado pela referência a um conjunto de saberes validados por especialistas, como, no caso do nosso *corpus*, a citação ao autor da *Gramática Latina*, de Napoleão Mendes de Almeida.

Além disso, a *conceptualização* se faz presente, como a identificação de casos latinos e seus respectivos desempenhos sintáticos, relacionando-os à língua portuguesa, pela *necessidade de compartilhar saberes* com um público semiespecialista, nos termos de Fani Conceição Adorne, 2012.

Aliam-se ainda, nesta empreitada, o arrolamento de *exemplos concretos e referências ao contexto da enunciação* (“...como o nominativo. Para quem não sabe, o nominativo é o caso do sujeito e do predicativo do sujeito”).

Tendo em vista o caso do *corpus* utilizado, verifica-se a possibilidade de pluralidade de relações com o público. Inicialmente prevista para os alunos de "Língua Latina II", a vídeo-monitoria, ao ser lançada na rede internacional, cria enlaces diversos, de modo que fica incerta a inicial *assimetria de conhecimentos* entre os participantes do evento comunicativo.

As *perguntas retóricas* que ocorrem (“quem é sujeito dessa oração?”), que visam à condução do interlocutor, aliadas aos *recursos de reformulação* (“o objeto é o complemento do verbo, ou então o alvo da ação”) são identificadas no evento como estratégias de atendimento a propósitos informacionais e também como estratégias de argumentação.

5. *Análise*

A presente análise tem como *corpus* a vídeo-monitoria, de Nicole Souza, que atuou como monitora da disciplina de "Língua Latina II", do curso de licenciatura em letras, no primeiro semestre de 2016, na UFMS, e a produziu espontaneamente e com seus próprios recursos, muito antes da ideia deste estudo.

Como vimos até agora, os gêneros estão presentes em todas as formas de expressão humana. Mikhail Bakhtin, citado por José Luiz Fiorin (2006), diz que podemos classificá-los de duas formas: os gêneros primários e os secundários. Os primários seriam aqueles gêneros produzido cotidianamente, sem maiores elaborações formais e estéticas, tais como: diálogo, piada, conselho, fofoca. Já os gêneros secundários seriam aqueles cuja elaboração formal e estéticas são mais presentes, tais como: notícia, conto, (tele)novela, aula etc. É exatamente este último conceito de gênero, o secundário, que nos interessa, mais propriamente dito, nesta análise.

Quando consideramos algo como gênero, estamos dizendo que existe uma prática socialmente identificada e verificável, presente em um determinado texto, que faz deste último um enunciado reconhecido pelo falante como pertencente a um determinado âmbito. Com isso, ao tratar-

mos de gêneros mais e menos elaborados formal e esteticamente, falamos de textos preocupados ou não com sua composição.

Neste trabalho, adotamos a aula como um gênero. Segundo Mikhail Bakhtin, citado por José Luiz Fiorin, “as aulas versam sobre um ensinamento de um programa de curso” (FIORIN, 2006, p. 62). As aulas seriam textos estruturados com fins expositivos e explicativos sobre determinado assunto e orientado a um determinado público. No entanto, isso não significa que esse texto esteja livre de alterações, de mudanças causadas pelo tempo.

Essas mudanças podem afetar os gêneros de diversas maneiras, desde sua composição até mesmo sua manifestação ou conteúdo. Com a popularização de novas tecnologias como internet, computador, *smartphones*, câmeras fotográficas, filmadoras etc., houve uma mudança radical no gênero aula, que antes dessa popularização raramente era filmado. No entanto, com o acesso fácil que a maioria das pessoas tem a esses aparelhos, tornou-se cada vez mais comum o uso de filmadoras, de qualquer natureza, para filmar ou gravar aulas com o intuito de reproduzi-las quando e quantas vezes quisessem os ouvintes.

Isso implicou uma grande mudança no gênero aula, que até então só podia ser produzido uma vez, em um determinado lugar, sob um determinado tempo e, muitas vezes, com exclusividade para um público muito específico. As videoaulas, como são chamados esses novos textos, permitem a qualquer pessoa o acesso rápido, fácil e móvel a aulas filmadas. Isso, poderíamos dizer, é reflexo de uma sociedade cada vez mais digital e tecnológica, como a nossa. Tal reflexo se manifesta na produção dos gêneros, uma vez que estes, segundo Mikhail Bakhtin, citado por José Luiz Fiorin (2006), “o gênero estabelece uma interconexão da linguagem com a vida social”. (FIORIN, 2006, p. 61)

Destacadas esta interconexão da vida social com o gênero e as considerações de aula como um gênero, passemos para o gênero monitoria, que de alguma maneira existe porque existe a aula. Já é sabido, e é bastante comum no meio universitário a existência de monitorias oferecidas para algumas disciplinas, em sua maioria consideradas “difíceis” ou com baixo aproveitamento dos alunos. Essas monitorias são dadas com o intuito de esclarecer dúvidas dos alunos sobre as aulas. Como já foi dito, aula é o “ensinamento de um programa de curso”, seguindo esse pensamento, poderíamos dizer que as monitorias são suportes aos alunos

que possuem dúvidas sobre um determinado assunto de um programa de curso.

Isso se verificou em nossa prática de monitoria, com atendimentos dados geralmente por acadêmicos veteranos de um determinado curso, validados por um orientador e pela Instituição, para outros acadêmicos debutantes deste mesmo curso. As novas tecnologias atingiram esse gênero tão fortemente quanto o gênero aula, dito aqui no seu sentido convencional, tradicional. Infelizmente, fala-se pouco sobre esse novo tipo de manifestação do gênero monitoria, agora aqui chamado de vídeo-monitoria, assim como as aulas de videoaulas. Essa nova nomenclatura, faz-se necessária face às novas mudanças ocorridas.

Nosso intuito agora se destina a estudar as características composicionais da vídeo-monitoria de "Língua Latim II", de Nicole Souza. Essa modalidade e a aula do professor se aproximam na duração do tempo, no conteúdo a ser explorado, trabalhado. São previamente elaboradas e pensadas para um público específico e pretendem atingir objetivos determinados, utilizando recursos didáticos como lousa, canetão, giz, projetores, livros etc. Por outro lado, o que as diferencia são, primeiramente, o tempo, sendo as aulas geralmente um gênero mais longo com duração de dias e até mesmo anos e, portanto, com mais conteúdos e aprofundamento teórico.

Outro ponto importante é que as aulas, mesmo a distância, são planejadas considerando a interação entre locutores envolvidos, conforme os ambientes específicos em que ocorrem. Vê-se que a vídeo-monitoria pressupõe uma aproximação, no entanto ela não tem efetivamente essa contrapartida.

Outra diferença está na linguagem. O gênero monitoria é, geralmente, ministrado por acadêmicos (veteranos) para outros acadêmicos (debutantes), esse fato implica mudança no contexto social e, por conseguinte, na abordagem e na variante linguística utilizadas, que se caracterizam, neste caso, como mais informal e mais despreocupada do que a do gênero aula. Como se percebe no exemplo do vídeo da Nicole Souza, em que ela diz: “[...] um pouquinho antes de começar a série de vocês ou qualquer coisa mais legal do que estudar latim. Tô zoando, latim é legal de estudar, eu acho divertido”.

No exemplo acima, temos a marca da informalidade com palavras “começar a série de vocês”, em que a locutora, no caso a Nicole Souza, se refere às séries de televisão ou de internet. Outra expressão usada por

ela que marca essa informalidade é “tô zoando [...]”. Esses elementos marcam, desde o início do vídeo, uma casualidade mais acentuada que é raramente encontrada no gênero aula. Na vídeo-monitoria feita por Nicole Souza, podemos encontrar alguns elementos recorrentes que balizam o gênero monitoria.

O caso estudado, embora em vídeo, não perdeu seu caráter didático explicativo. O vídeo se estrutura em etapas, estabelecidas e explicadas pela monitora Nicole Souza. As etapas para o ensino de latim que ela elegeu são: “Análise sintática”; “Conhecendo os casos e as tabelas (+ glossário); “Exercícios do português-latim”; “Exercícios do latim-português”, como se vê abaixo na vídeo-monitoria:

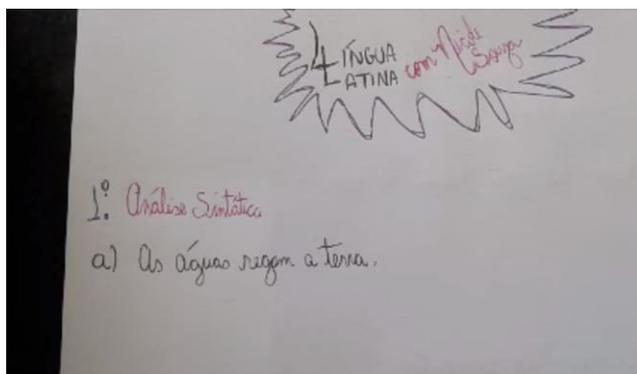


Fig. 10: Análise sintática. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=WXiwdwV0xzs>

Na videomonitoria em análise, também é possível observar o uso de recursos didáticos, próprios do gênero monitoria. No vídeo são utilizadas tabelas com fins explicativos, comumente encontradas em manuais de ensino de língua latina. São elas: a primeira, a tabela dos casos latinos e seus respectivos equivalentes sintáticos em língua portuguesa; a segunda, a tabela da primeira declinação da língua latina; a terceira, a tabela com as desinências verbais do tempo presente do indicativo em língua latina e por último, mas não menos importante, a tabela com alguns vocábulos da língua latina e suas respectivas traduções para o português.

Vemos ainda uma modificação no gênero monitoria. Afora o simples uso das tabelas, já encontradas na internet ou em livros de língua latina, há também a presença de outros recursos didáticos, como o da lousa, que no vídeo é substituído pela folha sulfite, o giz ou canetão que foi substituído pela lapiseira, e a voz da Nicole Souza que conduz as explicações do conteúdo. Como no exemplo abaixo:

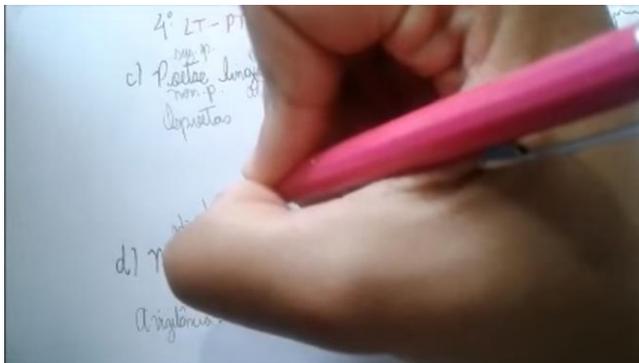


Fig. 11. Recursos didáticos utilizados na vídeo-monitoria.
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=WXiwdwV0xzs>.

O vídeo se encerra com outra marca de informalidade. Na imagem abaixo, é possível observar algumas anotações sobre o exercício, bem como “Tchau”, escrito de forma descontraída, implicando informalidade ao gênero. Essa informalidade se dá pela aproximação e interação que a acadêmica Nicole Souza tem com seus “alunos-amigos”, a quem a monitoria inicialmente se dirigiu.

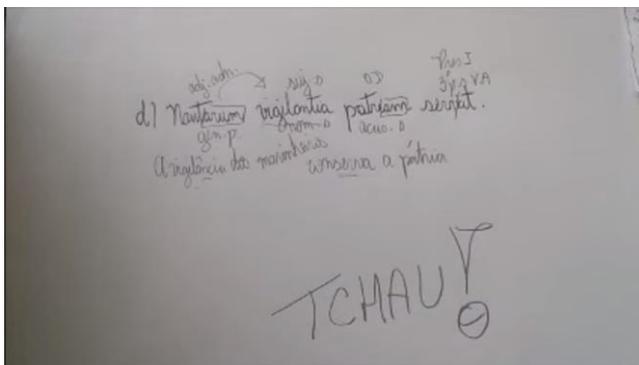


Fig. 12. Encerramento da videomonitoria.
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=WXiwdwV0xzs>.

6. Considerações finais

Finalmente, na análise apreendida, a monitoria se configurou como gênero de especialidade, conforme o que se viu anteriormente, sobretudo no que se refere a *conceitualizações* e à *fala orientada com o obje-*

vo de *compartilhar saberes*, verificadas através de (1) apresentação de agenda de itens a serem tratados, (2) exemplos, (3) referências à própria enunciação, (4) perguntas retóricas, (5) estratégias de reformulação, (6) enunciados com caráter de verdade geral, apoiadas pelo senso comum, (7) invocação do enunciatário, dentre outros recursos.

Sobrepondo-se a esses recursos, o senso comum associado à terminologia específica é o que mais fortemente marca o gênero de especialidade da monitoria. Assim é que se apropria da constatação de que, em função do gênero textual e do universo discursivo, o grau de especialidade se altera.

A variação de formas de abordagem do assunto técnico tratado (como a metodologia do autor da *Gramática Latina*, a apresentação da metodologia e da exigência da Profa. Monica Alvarez Gomes e o próprio percurso de Nicole Souza) constitui a constatação mais emblemática para a compreensão da monitoria como um gênero diferente do gênero aula.

Por último e não menos importante, ressalte-se, como características constituintes dessa prática, a *fluidez*, verificável no texto e em suas diferentes abordagens teóricas, e o *hibridismo*, associando diferentes situações de comunicação especializada para atender a diferentes demandas de usuários de uma especialidade. Essas características implicam registros formais e não formais em que terminologia e conceitos estão presentes, o que implica, conseqüentemente, voltando-se de novo para a fluidez, ajuste de aporte teórico e metodológico para análise – pontos fundamentais para tratar do gênero em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNE, Fani Conceição. Terminologia e textos de especialidade na área de políticas culturais no Brasil. *Debate Terminológico*. No. 08, junho 2012, p. 42-54. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/riterm/article/viewFile/29881/18601>. Acesso em: 05-05-2017.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Latina*. 30. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. *Formação de professores no Brasil (1990-1998)*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 3. ed. Trad.: Maria Ermantina Galvão; rev. de Marina Apenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.

BARREIRO, Iraide Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. *Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores*. São Paulo: Avercamp, 2006.

FINATTO, Maria José Bocorny; ZILIO, Leonardo. (Orgs.). *Textos e termos por Lothar Hoffmann*. Porto Alegre: Palotti, 2015.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Editora Ática, 2006.

HOFFMANN, Lothar. Die Rolle der Fachsprachen seit der Mitte des 20. Jahrhunderts. In: BESCH, Werner et al. (Orgs.). *Sprachgeschichte*. Ein Handbuch zur Geschichte der deutschen Sprache und ihrer Erforschung. 2. ed. v. 2. Berlin, Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2000.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A.*, vol. 10, n. 2, p. 329-338, 1994. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/315214851/moita-lobes-pesquisa-interpretativista-em-la-1994>>.

SOUZA, Nicole. *Língua latina com Nicole Souza*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WXiwdwV0xzs>>. Acesso em: 03-03-2017.